

SOCIABILIDADE VOLUNTÁRIA E FORMAS DE VIOLÊNCIA

Paulo de Salles Oliveira

Resumo

Um dos aspectos centrais nas idéias de Norbert Elias está na violência. Em seu pensar, ela pode ser mantida sob controle à medida em que a razão humana se desenvolve nas consciências particulares. A necessidade de conter relações sociais autoritárias animou os escritos do autor, uma vez que para ele mentes inconscientes não reconheceriam na democracia uma escolha elementar. Ao sublinhar a importância da educação, abriu espaço para se distinguir o universo lúdico e as relações sociais voluntárias como trilhas importantes para varrer traços de violência na sociedade.

Palavras-Chave

Lúdico; Violência; Democracia; Relações sociais; Voluntarismo.

VOLUNTARY SOCIABILITY AND FORMS OF VIOLENCE

Paulo de Salles Oliveira

Abstract

One central aspect on Norbert Elias' ideas concerns about violence. According to his thinking, violence could be under control as far as human reason grows up in each particular consciousness. The need to put an end in authoritarian social relations progress moved on the author in his writings because democracy isn't an elementary choice for unconscious minds. When he pointed out the education importance, leisure universe and ways of making voluntary relationships rose upon the view as an important track to sweep violence traces away.

Key-Words

Leisure; Violence; Democracy; Social relations; Voluntarism.

INTRODUÇÃO

Tratar da constituição de relações sociais democráticas na sociedade contemporânea requer cuidado. Autores como Richard Sennett propõem questões pertinentes ao pontuar a decadência nas relações entre vida pública e vida privada. Sublinha ele a transformação dos rituais de vida comunitária em deveres, o que implica admitir que boa parte dos cidadãos tenha assumido uma condição predominantemente passiva em relação a problemas que se supunha serem *comuns*. Afloram sentimentos e práticas que denotam indiferença, quando não desprezo, pela situação alheia. Imagens áridas, sintetizadas no arrefecimento das paixões por tudo aquilo que escapa ao universo das coisas particulares, levaram o autor a concluir que os dias de hoje assistem ao desaparecimento dos “vínculos de associação e compromisso mútuo entre as pessoas, que *não* estão unidas por laços de família ou de associação íntima.”¹

O problema não se restringe às relações interpessoais. Hannah Arendt lembra em acréscimo que, se a atenção ao outro é essencial - e ela é disso intransigente defensora - não menos importante é a atenção para com o mundo. Ou seja, se é verdade que os homens precisariam se reconhecer como seres vivos que levam uma *vida em comum* na sociedade, o mundo também necessitaria de atenção, para não ser destruído principalmente pela competição sem limites dos interesses particularistas. “O desaparecimento do senso comum nos dias atuais” - diz ela, querendo se referir a tudo aquilo que é prática ou conhecimento comumente partilhado - “é o sinal mais seguro da crise atual; em toda crise é destruída uma parte do mundo, alguma coisa comum a todos nós”.²

Seguidores de Norbert Elias (1897-1990) sustentam que o autor *não* propõe uma evolução linear da civilização; alguns deles, como Eric Dunning, alertam para o conceito de de-civilização que, embora menos lembrado, atestaria a não-linearidade do pensamento de Elias quanto ao desdobrar do processo civilizador. Se, no entanto, esta premissa permite ainda controvérsia, todos parecem convergir para o fato de que Elias sustenta haver um *sentido* para a existência humana. Este sentido se constituiria diacronicamente em espaços de longa duração. Uma vez considerada esta dimensão mais ampla, segundo o autor, aí sim o caminhar seria progressivo e irreversível.

Na tentativa de interpretar este significado da vida em sociedade, Elias deposita suas esperanças numa postura que alia razão e ética. Para ele, os homens seriam capazes de se civilizarem a si próprios, através

¹ SENNETT, R. *O declínio do homem público*. Companhia das Letras, 1995, p. 16.

² ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. Perspectiva, 1988.

da *consciência* de suas ações ao longo do tempo histórico. Merece consideração o fato de que Elias pondera que essa caminhada pode, conforme o caso, significar condicionamento, adestramento, autocontrole. Ou seja, muitas vezes ela pode ser fruto de contradições interiores não necessariamente conscientes e voluntárias, ao menos a princípio. Ademais, a ênfase na consciência, ao longo do que ele denomina processo civilizador, restringe muito a possibilidade de intervenção de fatores inconscientes. Elias não deixa de reconhecer essa possibilidade, mas, ao acentuar o desenvolvimento *consciente* do autocontrole, reduz o espaço para atribuir às emoções ou às fantasias maior alcance explicativo neste processo. Para ele, ao contrário, quanto maior o grau de controle desta sociedade sobre as forças naturais, *conexões extra-humanas*, maior o grau de controle sobre as relações entre os homens, *conexões inter-humanas*, e maior o grau de autocontrole dos indivíduos, desde a infância.

Esta formulação restritiva da dimensão inconsciente no ideário defendido por Elias tem sua razão de ser no enfrentamento de uma das questões centrais para ele, qual seja, a da violência. Trata-se de algo que abrange uma gama variadíssima de situações, boa parte delas de feição não-explicita. Tudo parece indicar, no entanto, que Elias priorizou as formas explícitas de violência, em suas expressões mais toscas e escancaradas: a guerra, as invasões, as agressões e as pilhagens. Neste particular, aproximou-se muito de um psicólogo social clássico, Kurt Lewin (1890-1947), que foi vítima do nazismo, também se horrorizou com ele e dedicou sua vida na luta contra as violências ali engendradas, com base na exaltação e manipulação dos sentimentos. Uma referência comum a Elias tanto quanto a Lewin foi certamente a necessidade de banir tais práticas nazistas, com os conteúdos de arbítrio e violência que as definiram. Daí a importância que ambos atribuíam à educação. Lewin tratou de discutir e elaborar propostas de reeducação social no rumo da consolidação da democracia, pois, se os grupos sociais fossem deixados à sorte de si mesmos - acreditava ele - nada indicaria que sua opção recaísse necessariamente nas relações democráticas. Elias, por sua vez, procurou desenvolver a noção de *habitus*, quer dizer, de uma estruturação social da personalidade, admitindo que o gênero humano alimenta traços em comum, não obstante as singularidades de cada indivíduo.

Delimitado o universo problemático, não deixa de ser relevante destacar que a tese defendida por Elias, acerca do refinamento gradual dos costumes da humanidade, foi por ele formulada através do estudo de um aspecto da vida humana que geralmente é tido como supérfluo, excêntrico, ornamental: a evolução das boas maneiras.

Olhar para o que é irrelevante no concerto das coisas tidas como importantes é algo que fornece a todos nós, estudiosos de questões sociais nas quais o universo lúdico se faz presente, um renovado alento. A analogia a partir de aspectos relegados pode ser fértil para todos nós, pois revira ao avesso a suposta hierarquia das coisas que contam.

Florestan Fernandes, num dos inúmeros e notáveis estudos que produziu,³ mostra como o universo lúdico vivido pelas crianças comporta cenários onde há manifestações explícitas e não-implícitas de violência, mas também situações em que os grupos sociais testemunham, em cada gesto, a incorporação de verdadeiros hábitos de cooperação, de convivência amistosa, de gestos calorosos, que atestam simpatia e respeito pelos outros, que conosco *convivem*.

Esse clima de camaradagem é algo que as pessoas por vezes não sabem definir, mas percebem-no com intensidade e lutam por preservá-los no cultivo renovado de práticas, pensamentos e sentimentos. Nestes casos, o divertimento em comum, em que todos contribuem e todos se beneficiam, expressa uma vitória sobre a truculência física e também sobre a violência da dissimulação, em que as farpas são edulcoradas num amontoado de práticas e palavras falsamente suaves. Grupos de crianças brincando são disto um exemplo diário. Se há aquelas que agridem fisicamente os outros à menor contrariedade; se há também as que zombam do recato alheio, ao denunciarem a todos no grupo problemas íntimos de seu momentâneo desafeto - como os casos de incontinência urinária, existem também as que, no interior dos mesmos grupos, se mostram generosas emprestando brinquedos, dividindo roupas e alimentos, compartilhando segredos, oferecendo pequenos presentes (um doce, um sorvete, uma muda de planta, uma pipa, etc).

Note-se que há aqui um espaço nada pequeno reservado às emoções, muito particularmente às sensações de conforto e de afeto que só uma dimensão realmente solidária pode produzir. Claro está que são manifestações de emoção *cultivada*, num solo em que as relações são percebidas em comum e em que a consideração ao outro é dado real. A sedimentação destes procedimentos cria uma espécie de coerção grupal capaz de simultaneamente semear cooperação e inibir violências, mas isso, em absoluto, resulta de uma decorrência natural ou mesmo de uma escolha unânime, nos tempos atuais.

Tanto quanto ocorreu com Lewin, Elias também sempre se mostrou atento às tiranias dentro do grupo, especialmente aos modos de produzi-la manipulando sentimentos. Lideranças existentes nestes mesmos

³ FERNANDES, F. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. Vozes, 1979.

grupos infantis, de que tratamos antes, podem emergir simulando abertura, mas, de fato, muitas vezes

dirigindo sua ação no sentido de criar obstáculos à participação de outros colegas como, por exemplo, os menos hábeis nos jogos, contando com o apoio velado ou explícito dos que se põem como versados nestas práticas. Os desqualificados nem sempre chegam a ficar impedidos de atuar, mas, nestas ocasiões pesa sobre eles a severidade da restrição: cada um de seus erros se torna objeto de ironia, chacota ou irritação, de modo a supervalorizar a condição de inferioridade com qual são identificados.

Estes mecanismos sutis e velados de discriminação, envolvendo ao mesmo tempo as dimensões consciente e inconsciente, não deixaram de sensibilizar Norbert Elias. Em livro que elaborou juntamente com J.L.Scotson⁴, reserva um capítulo para estudar a discriminação social entre grupos sociais distintos, a partir da disseminação de boatos. Mostra como a produção destes boatos é capaz de reforçar a coesão no interior de determinados grupos que se articulam para disseminar, sobretudo entre as crianças, imagens negativas do outro grupo que se quer hostilizar. No caso, eram antigos moradores de um vilarejo, que se sentiram legitimados pela precedência histórica de terem ali fixado domicílio. Em função disso, se unem no propósito de propagar comentários destrutivos, tendo em vista delimitar territórios e hostilizar os novos habitantes, que para lá migraram. Assim, aproveitavam os contatos institucionalizados, a exemplo dos oferecidos pelo trabalho ou pela participação em missas, bem como os contatos informais no lazer para espalhar pechas - na sua quase totalidade falsas - acerca dos recém-chegados. Diziam respeito a conteúdos intimamente ligados à ocupação do tempo: frequência a botecos, costumes duvidosos, brigas constantes, incapacidade de bem formar seus filhos etc. Sendo imagens improcedentes ou, no mínimo, discutíveis, muitos se indagariam por que o grupo hostilizado não reagiu à altura? Em tese, nada havia que os impedisse de fazê-lo.

Elias e Scotson ressaltam, no entanto, que a interiorização da legitimidade do poder dos moradores tradicionais, tanto da parte destes quanto da parte do grupo estigmatizado, pesou muito. Além disso, os novos não ocupavam os postos-chave do poder local, travando-se portanto uma batalha desigual. Outro aspecto preponderante foi o fato de que muitos dos novos moradores não só concordaram, mas acataram para si, a imagem negativa que se produziu em torno deles. A força desse concordar silencioso é ainda mais paralisadora, lembra Simone Weil, quando envolve um grupo desenraizado⁵, tal qual se verifica no caso apontado. Um estudo da biografia de vida dos membros daquele grupo haveria de mostrar uma

⁴ ELIAS, N. & SCOTSON, J. L. *The established and the outsiders*. Frank Cass & Co., 1965.

⁵ WEIL, S. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Paz e Terra, 1996.

coleção de perdas, revezes e opressões muito dolorosas. Pensar nisso tudo seria para estas pessoas revolver feridas muito profundas. Portanto, não é que sejam alienadas; a história de sofrimentos que vivenciaram poderia ajudar a entender por que um provérbio grego diz que a infelicidade é muda. Mostraria igualmente por que muitas dessas pessoas preferem deixar o pensamento se evadir para longe no intuito de experimentarem algum reconforto, ainda que fugaz. Encarar esta dimensão mais sombria que pode recobrir os lazes dos espoliados é perceber, simultaneamente, o quanto nossa frágil democracia ainda terá de caminhar. Reconhecer este ponto é também retomar a trajetória socialmente compromissada com a formação permanente de cidadãos, conforme propuseram autores como Norbert Elias e Kurt Lewin. E implicitamente aceitar o desafio de não desertar da jornada em comum que temos pela frente: ajudar a construir a democracia na sociedade em que vivemos, zelando diuturnamente para que cada pequenina vitória possa se preservar e assim amparar a chegada de outras.

REFERÊNCIAS

- ARENDRT, H. *Entre o passado e o futuro*. 2a. ed. Trad. de M. W. B. Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1988, p.227 e ss.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *The established and the outsiders*. London: Frank Cass & Co., 1965.
- FERNANDES, F. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. 2a. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- SENNETT, R. *O declínio do homem público*. 4a. ed. Trad. de L. A. Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.317 e ss.
- WEIL, S. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. 2a. ed. Trad. de T. G. G. Langlada, seleção e apresentação de Ecléa Bosi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

Paulo de Salles Oliveira
Universidade de São Paulo/USP

Referência do artigo:

ABNT

OLIVEIRA P. S. Sociabilidade voluntária e formas de violência. *Conexões*, v.1, n. 1, p. 1-7, 1998.

APA

Oliveira, P. S. (1998). Sociabilidade voluntária e formas de violência. *Conexões*, 1(1), 1-7.

VANCOUVER

Oliveira PS. Sociabilidade voluntária e formas de violência. *Conexões*, 1998, 1(1): 1-7.